



III Jornada Internacional  
Semântica e Enunciação



2021



## PROPOSTA DO SIMPÓSIO TEMÁTICO:

### DISCURSO, ARGUMENTAÇÃO E LÉXICO

Angela Maria da Costa e Silva COUTINHO (IFRJ)

Claudia de Souza TEIXEIRA (IFRJ)

**RESUMO:** Partindo-se do pressuposto que todo ato de comunicação carrega consigo um aspecto intencional ou propósito discursivo, visto que, conforme Bakhtin (2004), a língua é interação social permeada de posições ideológicas, é possível concluir que, ao produzirem textos, os indivíduos utilizam recursos linguísticos que possibilitam evidenciar suas intenções comunicativas. Os itens lexicais, por exemplo, não só estabelecem nexos coesivos como também fornecem “pistas” sobre as intenções do autor, portanto, ler um texto é perceber o direcionamento estabelecido pelo jogo de relações através dessas e outras “pistas”; é desvendar a “trama” de sua significação. Ducrot defende que a argumentação é inerente à língua; Koch (2006), por sua vez, afirma que o ato linguístico fundamental é a argumentação, ou seja, o de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões. A todo discurso subjazeria uma ideologia num sentido amplo do termo. Fiorin (2015) explica que todos os discursos são argumentativos porque o modo de funcionamento real do discurso é o dialogismo e porque o enunciador sempre pretende que suas posições sejam aceitas. Na Semântica Argumentativa, segundo Koch (2004, p.21), encontra-se a “visão da língua como intersubjetividade”, aliada à visão de Voght (1980) para quem a língua é “ação dramática”. Ao tratar da intencionalidade na produção da linguagem, Koch (2004) recorre aos estudos de Voght (1980) para explicar que todo enunciado diz algo de um certo modo. Ao dizer, faz valer uma significação, um sentido primeiro. Ao mostrar, por meio de marcas linguísticas, representa-se a si mesmo, cria um sentido segundo. Essa base reflexiva permite admitir que “todo enunciado é sui-referencial”. Para Mariani (2003), na linguagem, tudo depende das condições de produção das palavras, enunciados e textos, do forma como as disputas pelos sentidos vão se dando em função das relações de força atuantes na sociedade. Com base nas concepções apresentadas, neste simpósio, propomo-nos a refletir sobre os efeitos argumentativos observados no uso do léxico em textos literários e não literários. Pretende-se, portanto, uma abertura para investigações e discussões sobre a apropriação das palavras da língua portuguesa nos textos com a intenção de julgar, opinar, persuadir, convencer. Os trabalhos submetidos a esse simpósio deverão deixar explícitos, sobretudo, o (s) seu (s) objetivo (s), sua metodologia, seu escopo teórico, seu *corpus* e as principais conclusões, mesmo que preliminares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso. Escolhas lexicais. Sentido. Argumentação.



III Jornada Internacional  
Semântica e Enunciação



2021



**RESUMOS APROVADOS:**

### **VISUALIDADES VERBAIS:**

#### **LEITURAS DA CENA DO TEXTO LITERÁRIO**

Angela Maria da Costa e Silva COUTINHO <sup>1</sup>

**RESUMO:** No discurso literário, o poeta fatura a realidade para recriá-la textualmente com palavras. A partir dessa visão, compreende-se a obra de arte literária como construído de sentidos expressos por imagens verbais propícias à leitura que aciona a capacidade humana da visualização mental. Nessa perspectiva, consoante aspectos da estética da recepção formulada por Wolfgang Iser discutido por Gumbrecht (1992) e dos princípios comparativos, compreende-se ser “o ato da leitura, por um lado, a tentativa mais abrangente de fundamentar teoricamente a estética da recepção” (p.992) e que “ a discutibilidade intersubjetiva das interpretações individuais feitas durante a leitura não pode mais ser obtida como um conceito de texto separado do leitor – seja ele modificado como for – e sim apenas como resultado da co-ativação entre texto e leitor.” (p. 992). Tais orientações propiciam uma leitura reflexiva sobre a seleção das palavras no conto intitulado Venha ver o pôr-do-sol de Lygia Fagundes Telles (1997) em conversação com o conto intitulado Fantasmas de Chimamanda Adichie (2017). Nos referidos contos, os narradores descrevem situações de tal modo que estas são capazes de acionar no leitor a faculdade da visualização das cenas narradas por palavras. Como exemplo, tem-se a descrição de uma situação em que o personagem Ricardo de Lygia Fagundes Telles expressa seus sentimentos com o seguinte gestual: “Ficou sério. E aos poucos, inúmeras rugazinhas foram se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. (p.28). No conto da escritora Chimamanda Adichie, o personagem James Nwoy revela tradições e contradições culturais, por meio de gestual cênico e de exclusão idiomática, conforme os exemplos a seguir, respectivamente; “Hoje eu vi Ikenna Okoro, um homem que eu acreditava estar morto há muito tempo. Talvez devesse ter me abaixado, pegado um punhado de areia e atirado nele, como meu povo faz para ter certeza de que uma pessoa não é um fantasma, mas sou um homem educado no Ocidente, um professor de Matemática” (p.64). “A guerra levou Zik, eu disse em igbo. Falar dos mortos em inglês sempre teve, para mim, um inquietante caráter definitivo. Ikenna respirou fundo, mas tudo o que disse foi ‘Ndo’, nada além de ‘Sinto muito’”. (p.71-72). Portanto, a presente comunicação objetiva investigar e ler cenas literárias contemporâneas como proposta de percurso analítico e interpretativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso literário. Leitura da cena. Recepção.

---

1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)

## A METÁFORA COMO RECURSO ARGUMENTATIVO EM ARTIGOS DE OPINIÃO

Claudia de Souza TEIXEIRA (IFRJ)  
claudia.teixeira@ifrj.edu.br

**RESUMO:** Segundo Mendes (2001), é sempre possível atribuir uma “pertinência intencional” ao projeto de fala do sujeito falante, que é construído em torno de objetivos comunicativos. Conforme Charaudeau (1996), um destes seria o persuasivo, que corresponde à intenção de controlar o outro através da racionalidade. É o que se observa nos artigos de opinião, em que se busca captar a atenção dos leitores, fazendo-os se identificar com as opiniões defendidas. O sujeito falante deve “fazer crer” ao seu interlocutor, tentando levá-lo a aderir ao universo do discurso envolvido (verdades e crenças). Para tanto, faz uso dos recursos discursivos de argumentação, dentre eles, a metáfora. Burke (apud KRESSER, 2003) destacou a função persuasiva (retórica) da metáfora, pressupondo que ela é capaz de representar e alterar nossos modos de ver o mundo, nossos julgamentos. Portanto, a metáfora poderia ser considerada um recurso argumentativo que atua não só sobre o raciocínio (LAKOFF e JOHNSON, 2002), mas também sobre a sensibilidade. Isso ocorreria a partir da evocação de imagens e sensações por meio da analogia entre elementos de diferentes domínios compartilhadas pelos interlocutores num espaço de construção de sentidos (BURKE, apud KRESSER, 2003). Logo, compreender os sentidos das metáforas ajudaria o leitor/ouvinte a entender a linha argumentativa do produtor do texto, as suas intenções. Para Teixeira (2004), as metáforas são capazes de ativar *frames* que levam o leitor a relacionar suas experiências com as pistas deixadas pelo autor, para, nessa ação intersubjetiva e interativa, construir os sentidos textuais. O *frame* seria uma representação genérica de um conjunto de conhecimentos relacionados a um mesmo conceito, experiência, imagem etc., como por exemplo, o *frame* de “guerra”, que pode incluir elementos lexicais como batalha, trincheira, atirar, atacar, entre outros. Partindo dessas ideias, este trabalho busca analisar o uso da metáfora argumentativa em artigos de opinião publicados na mídia impressa e digital, relacionando seus sentidos aos pontos de vistas defendidos pelos seus autores. Espera-se evidenciar que os *frames* ativados pelas metáforas contribuem para que os articulistas possam atingir seu objetivo persuasivo a partir das relações de sentido que o leitor estabelece entre elas, seu conhecimento de mundo e os contextos situacionais (cotextos) e textuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Argumentação. Metáfora. *Frames*. Artigos de opinião.

**ESCOLHA LEXICAL: A REPRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO HOMEM-MULHER  
EM LETRAS DE CANÇÕES DA DUPLA SERTANEJA VICTOR E LÉO  
E DO FUNK-POP DA CANTORA ANITTA**

Fábio Ferreira Pinto (USP)

**RESUMO:** Neste trabalho objetiva-se identificar as representações de homens e de mulheres em canções de dois gêneros musicais bastante consumidos pela população brasileira: o sertanejo e o funk-pop. Selecionou-se um *corpus* composto por canções lançadas a partir de 2010, cujos intérpretes e compositores são a dupla sertaneja Victor e Leo e a cantora de funk-pop, Anitta. Da dupla, foi escolhida a canção “Vai me perdando” (2015). De Anitta, a canção “Não perco meu tempo” (2018). Levar-se-á em conta, para a realização da análise dos textos selecionados, o léxico; que é, numa perspectiva cognitivo-representativa do discurso, a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística, bem como os papéis sociais que surgem nesses discursos. A abordagem metodológica constará de um levantamento das escolhas lexicais das letras das canções que, em seguida, serão sistematizadas em campos semânticos com vistas a revelar o tema do discurso. Isso é possível porque léxico é um subsistema linguístico que reúne a experiência acumulada de uma sociedade, assim como suas práticas culturais. Buscar-se-á descrever a visão da relação homem-mulher que se revela nas letras de canção por meio das ocorrências lexicais que constituem objeto de escolha de seus autores. Uma vez feita a sistematização dos campos semânticos, procuraremos aplicar o quadro ideológico de Van Dijk (2003, 2012, 2017) para desvelar a construção dos papéis sociais do homem e da mulher no discurso sertanejo da dupla Victor e Léo e no funk-pop de Anitta. Tendo em conta que historicamente o discurso das canções sertanejas é predominantemente machista; vê-se nas canções do gênero funk-pop uma resposta deste último a um discurso marcadamente patriarcal. A análise apoia-se no léxico de canções de ambos os gêneros e procura demonstrar como a interpretação das lexias está ancorada em outros elementos lexicais do contexto linguístico que têm base no contexto sociocognitivo. Tomando por base que a lexicologia é uma área do conhecimento linguístico responsável por estudar as unidades lexicais de uma língua sob aspectos fônicos, morfossintáticos, etimológicos e semânticos – e que dessa forma deve ser analisada dentro de um discurso sociocognitivamente orientado – o arcabouço teórico dessa pesquisa apoia-se em Biderman (2001); Pottier (1978); Ullmann (1964); Vilela (1994), no que diz respeito a aspectos léxico-gramaticais e léxico-semânticos; Fairclough (2001) e Van Dijk (2003, 2012, 2017) contribuem para uma reflexão discursiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Letra de canção. Identidades masculina e feminina. Escolha lexical. Campo semântico.

# SLOGAN POLÍTICO-GOVERNAMENTAL: POR ENTRE MOVIMENTOS DE LINGUAGEM E ARGUMENTAÇÃO

## *UMA CARTOGRAFIA ARQUEOLÓGICA DE SENTIDOS*

Heder RANGEL (Universidade Federal de Alagoas, Campus Sertão)  
heder.rangel@delmiro.ufal.br

**RESUMO:** Este trabalho tenta apresentar a genealogia (cronologicamente) de **slogans** de governos brasileiros desde 1985 até hoje. Esta **árvore genealógica** considera o propósito de trabalho dos governos sob os aspectos políticos/econômicos e suas formas de comunicação com a sociedade, o que, do nosso ponto de vista, (des)velam-se seus descompassos (contradições e paradoxos): tanto no tocante às escolhas lexicais e de argumentação quanto pela efetividade de suas práticas sociais. Nosso interesse pelo tema se dá ainda pela questão de que, no Brasil, a comunicação política ocorre por intermédio de dois tipos de slogans: um relacionado ao intuito de campanha eleitoral e o outro que expõe a imagem/o posicionamento governamental. Nesse sentido, nossos objetivos delineiam-se da seguinte maneira: compreender o processo de criação de slogans, seus movimentos (objetividades e subjetividades), recursos estratégicos, persuasivos e de influência; “desvelar as determinações históricas dos sentidos produzidos pelos discursos que circulam nas práticas sociais” (FLORÊNCIO [et AL], 2009, p. 124); possibilitar uma leitura crítica pelo reconhecimento de traços ideológicos que afetam os universos discursivos que constituem as posições argumentativas dos sujeitos, identificando, assim, marcas explícitas e implícitas de um dizer e não dizer (re)veladores. Apoiamo-nos na Teoria da Análise de Discurso pecheutiana pelo entendimento de que esse tipo de discurso não é uma construção independente das relações sociais, ao contrário, compreendemos o fazer discursivo com uma prática humana, embrenhada das contradições sociais que possibilitaram sua objetivação. Pêcheux submete as Formações Discursivas às formações ideológicas que, por sua vez, expressam as contradições de classes antagônicas da sociedade. A materialidade expressa em um discurso está imbuída de subjetividade posta em um tempo e espaço definidos historicamente em uma realidade que é representada por essa individualidade, com consciência do que está fazendo, mas, sem o domínio de todas as alternativas colocadas por essa mesma realidade, logo sujeito a falhas e equívocos. Utilizamos o aparato de estudo e pesquisa de Michel Pêcheux, fazemos interlocuções com outros teóricos que também abordam o discurso em suas relações comunicativas, cotidianas e sociais: Bakhtin, Florêncio (et. al.), Mészáros e Orlandi além de estudiosos da Comunicação, da propaganda e do marketing: Figueiredo Neto, Sant’Anna, Predebon, Gracioso, Yanaze e Coulomb-Gouly.

**PALAVRAS-CHAVE:** Slogan. Argumentação. Discurso. Cartografia.

# LÉXICO E ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO JURÍDICO: O TRATAMENTO DA PROVA EM VÍDEO EM TRIBUNAIS BRASILEIROS

Luís Felipe Leal de MORAES-SILVA ( UFJF)  
luis.leal@direito.ufjf.br

Amitza Torres VIEIRA ( UFJF)  
amitzatv@yahoo.com.br

**RESUMO:** O desenvolvimento de ferramentas de multimídia sofisticadas e acessíveis, como câmeras de celular, tem marcado o contexto tecnológico deste século. Diversas cenas do cotidiano são registradas, inclusive situações em que ocorrem eventos delituosos. Assim, imagens de relevância jurídica são cada vez mais apresentadas como prova na Justiça, o que configura, no contexto dos tribunais, uma nova dimensão argumentativa (RICCIO, 2018). Com o objetivo de compreender o tratamento conferido pelo Judiciário às provas em imagem, este trabalho analisa a configuração argumentativa de acórdãos de segunda instância. E, para isso, investiga de que forma os julgadores mobilizam os elementos lexicais da língua para justificarem seu entendimento sobre os casos julgados a partir do exame das provas apresentadas. Realiza-se uma análise discursiva da fundamentação das decisões, sendo empregados os pressupostos da Semântica Argumentativa (DUCROT, 1977; KOCH, 2011), da linguística textual (FIORIN, 2013) e a perspectiva de Vendrame (2006) da análise do léxico a partir da decomposição de seus traços semânticos. Nesta pesquisa qualitativa e interpretativa (DENZIN; LINCOLN, 2006), examinam-se dois julgamentos criminais, um do TJSP e outro do TJMG, ambos de processos cujo conjunto probatório é composto por evidências imagéticas e provas testemunhais. Marcas linguísticas revelaram se os magistrados assistiram às provas em vídeo e a importância de cada uma das evidências do processo na construção da decisão tomada. Os traços semânticos identificados, de percepção e de evidencialidade, foram a característica linguística mais reveladora. A identificação do primeiro, como em “via”, “assistir” e “nitidamente”, tornou possível verificar se o julgador assistiu ou não ao vídeo; e a do segundo, em “via”, “nitidamente”, “demonstraram”, “inequivocamente” e “basta”, indicaram o valor probatório atribuído às provas pelos magistrados. Itens de valor avaliativo, como “basta” e “tenho (- que)”, mostraram a importância das provas examinadas para a formação do convencimento do juízo. Identificou-se, ainda, a atuação dos operadores argumentativos na organização textual da decisão. As marcas linguísticas mais produtoras para as investigações deste estudo pertencem às classes dos verbos, advérbios e conjunções. Os resultados mostram que a forma de acesso ao vídeo, direta ou mediada por laudo pericial, não interferiu na decisão dos magistrados, pois, em ambos os casos, a evidência imagética foi valorada como convincente para a culpabilidade do réu. Em termos argumentativos, o vídeo, quando assistido, teve a mesma força que a prova testemunhal; e, quando acessado de forma mediada, constituiu o argumento mais forte da decisão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Argumentação. Prova em vídeo. Evidência imagética. Força argumentativa.

